

O CONCEITO DE TERRITÓRIO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA CIDADE DE MARÍLIA - SP: OS DESENCONTROS ENTRE A GEOGRAFIA DO ENSINO SUPERIOR E A GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL.*

Noemia Ramos Vieira

AGB – Bauru

Unesp – Campus de Ourinhos

noemiaramosvieira@yahoo.com.br

Resumo:As questões territoriais sempre levaram os intelectuais da Geografia a um amplo debate sobre o significado de território. A pluralidade teórico-metodológica tem produzido uma diversidade de concepções a respeito desse assunto. No entanto essas discussões possuem um ponto de convergência, qual seja o da necessidade de superar a concepção de território herdada da Geografia Tradicional, a qual se mostra insuficiente para compreender e desvendar a complexidade espacial do mundo atual.

A partir de pesquisa realizada junto aos professores de Geografia do Ensino Fundamental da cidade de Marília, e da análise feita do conteúdo geográfico veiculado pelos livros didáticos e pelo referencial curricular nacional, detectamos a existência de desencontros teóricos entre a Geografia do Ensino Superior e a Geografia do Ensino Fundamental. As discussões existentes no âmbito do Ensino Fundamental, no que diz respeito ao significado de território, estão muito aquém daquelas realizadas no Ensino Superior. O que para nós representa uma problemática a ser superada.

O presente trabalho objetiva socializar alguns dos resultados obtidos através de nossa pesquisa a respeito da referida problemática visando contribuir para a edificação de um ensino de Geografia sintonizado com a formação de um indivíduo crítico acerca da sua realidade social.

Palavras-chave: Território, Ensino de Geografia, Livro Didático, Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, Ensino Superior.

* Esse texto é resultado parcial da tese de doutorado intitulada “As Questões das Geografias do Ensino Superior e do Ensino Fundamental a partir da Formação Continuada do Professor e das Categorias Lugar, Paisagem, Território e Região :Um Estudo da Diretoria Regional de Ensino de Marília”.

1-Considerações iniciais

A partir de pesquisa realizada junto aos professores de Geografia do Ensino Fundamental da cidade de Marília, e da análise feita do conteúdo geográfico veiculado pelos livros didáticos e pelo referencial curricular nacional, detectou-se a existência de desencontros teóricos entre a Geografia do Ensino Superior e a Geografia do Ensino Fundamental. As discussões existentes no âmbito do Ensino Fundamental, no que diz respeito ao significado de território, estão muito aquém daquelas realizadas no Ensino Superior. O que para nós representa uma problemática a ser superada.

A pesquisa se concretizou através de duas vertentes: uma teórica e outra empírica. A vertente teórica se constituiu de uma investigação bibliográfica acerca das reflexões acadêmicas sobre o significado de território. A vertente empírica se concretizou a partir de entrevistas realizadas com professores de Geografia do Ensino Fundamental da cidade de Marília e também, a partir da análise do conhecimento geográfico veiculado pelos livros didáticos e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a área da Geografia.

O presente trabalho objetiva socializar alguns dos resultados obtidos através de da referida pesquisa visando contribuir para a edificação de um ensino de Geografia sintonizado com a formação de um indivíduo crítico acerca da sua realidade social.

2-O Ensino Superior e o Conceito de Território.

A pluralidade de filiação teórico-metodológica existente entre os geógrafos produziu uma diversidade de concepções acerca do significado de território. No entanto essas discussões possuem um ponto de convergência, qual seja o da necessidade de superar a concepção de território herdada da Geografia Tradicional, a qual se mostra insuficiente para compreender e desvendar a complexidade espacial do mundo atual.

Um primeiro ponto dessas reflexões acadêmicas diz respeito ao aspecto dinâmico e histórico-social do território e a necessidade de ultrapassar a concepção de território cuja ênfase recai na relação sociedade-natureza, especialmente no que se refere ao controle e usufruto dos recursos naturais. A concepção em que o território é visto unicamente como um espaço físico e concreto, circunscrito e delimitado ao plano do Estado, um espaço cujo desenvolvimento e os aspectos sócio-culturais estejam subordinados às condições naturais. (MORAES, 1995)

Para Santos a superação dessa concepção se faz necessário, pois,

antes o território era a base, o fundamento do estado nação que, ao mesmo tempo, o moldava, Hoje, quando vivemos uma dialética do mundo concreto, evoluímos da noção, tornada antiga, de Estado Territorial para a noção pós-moderna de transnacionalização do território. (SANTOS, 1998, p.15).

A complexidade do mundo atual exige que o geógrafo conceba o território como algo dinâmico, vivo, um espaço construído historicamente pela sociedade, e não o palco de atuação da sociedade, “como um quadro negro sobre o qual a sociedade reescreve sua história”. É preciso levar em conta a dinamicidade do território, ter em mente que a sociedade incide sobre o território e esse na sociedade. (SANTOS, 2002).

Isso significa que em tempos de globalização, ao investigarmos o território, “deveremos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política” (SANTOS, 2003, p.247).

Para Santos, o *território usado* deve ser a categoria de análise do espaço e não o *território em si*, pois a categoria “território usado” permite sistematizar teoricamente o entendimento do conceito território.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro, (...) A idéia de tribo, povo, nação e, depois de Estado Nacional decorre dessa relação tornada profunda (SANTOS, 2001, p.96-97).

A partir disso temos que o território deve ser concebido como um espaço em constante construção e reconstrução. Isso nos remete a outro aspecto a ser considerado sobre o território: a sua historicidade:

O território revela também as ações passadas e presentes, mas já congeladas nos objetos, e as ações presentes constituídas em ações. No primeiro caso, os lugares são vistos como coisas, mas a combinação entre as ações presentes e as ações passadas, às quais as primeiras trazem vida, confere um sentido ao que preexiste.. Tal encontro modifica a ação e o objeto sobre o qual ela se exerce, e por isso uma não pode ser entendida sem a outra (SANTOS, 2003, p.247 e 248).

Nesse sentido, Bozzano (2000), afirma que "o território não é a natureza e nem a sociedade, não é a articulação entre ambos; mas é natureza, sociedade e articulação juntas. Neste cenário, cada processo adotar uma espacialidade particular" (p.29). Segundo esse autor há que se considerar a superposição de temporalidades e espacialidades num dado território: "em um mesmo território, em uma cidade ou em uma região, podemos ler e identificar tempos geológicos, meteorológicos, hidrológicos, biológicos, sociais, políticos, psicológicos, econômicos, cada um com seus ritmos, suas durações". (p. 37)

Ainda sobre o caráter dinâmico do território Saquet (2004) nos chama a atenção para a importância de se considerar, no estudo da dinâmica territorial, “as relações recíprocas e complementares entre os elementos/aspectos das dimensões natural e social (ideal e materialmente)” (p.143) de um dado território. Para Saquet uma análise dialética do território é imprescindível pois,

o território é natureza e sociedade simultaneamente, é economia, política e cultura, idéia e matéria, fixos e fluxos, enraizamento, conexão e redes, domínio e subordinação, degradação e proteção ambiental, é local e global e singular e universal concomitantemente, terra, formas espaciais e relações de poder, podemos apreender aspectos de suas articulações internas e externas dialeticamente. (SAQUET, 2004, p.144)

Um segundo ponto das reflexões acadêmicas em relação ao território diz respeito à questão do poder. Quando se pensa em território, temos que levar em conta que

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela abstração), o ator territorializa o espaço (...). o território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações de poder. (RAFESTIN, 1993, p.143)

Souza compactua com essa concepção quando afirma que “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (2003, p.78).

Uma dimensão importante da relação existente entre o poder e o território é apontada por Andrade (1998) quando chama atenção para o fato de que o conceito de território está muito ligado a idéia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre à idéia de território à idéia de poder, quer se faça referência ao poder político, estatal, que ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas (ANDRADE, 1998, p. 213).

Um terceiro ponto importante das discussões sobre a temática do território é apontado por Souza (2003) e diz respeito ao caráter flexível do território. Para esse autor,

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (por ex. uma rua) à internacional (por ex.a área formada pelo conjunto dos territórios dos países membros da Organização do Atlântico Norte – OTAN,); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas anos, meses, ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica e cíclica (SOUZA, 2003, p.81).

Isso significa que o geógrafo em suas investigações deve se desprender da noção de território como um espaço delimitado, concreto e mensurável, essencialmente fixado no referencial político do Estado. Há que se considerar o território como um”campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade, a diferença entre “nós”(o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os insiders) e os “outros” (os de fora , os estranhos, os outsiders)” (Ibidem, 2003, p.86).

Nesse sentido “territórios são antes de tudo relações sociais projetadas no espaço do que espaços concretos” podendo

formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmos meses, semanas ou dias,) , ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo , ter existência regular mas apenas periódica,. ou seja, em alguns momentos - e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo (Ibidem, 2003, p.87).

Isso nos remete às reflexões realizadas por Corrêa (1998, p. 251) que nos chama atenção para um ponto importante dessa discussão: “o território não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas à sua apropriação”.

Para esse autor, a apropriação de um dado segmento do espaço pode ocorrer de forma efetiva e legitimada por parte das instituições ou grupos e, também através de práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos. No primeiro caso tem-se um conceito de território vinculado à Geografia política e no segundo, em que a apropriação assume um caráter afetivo, estaremos diante de um conceito de território vinculado a uma Geografia que privilegia os sentimentos e os simbolismos atribuídos aos lugares, ou seja, uma Geografia Humanista.

Nessa concepção as duas formas de apropriação podem combinar-se e definir territórios plenamente apropriados de direito, de fato e afetivamente. O território é o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas. (CORRÊA, 1998).

Haesbaert (2002) realizou uma sistematização importante sobre a concepção de território. Segundo esse autor ao longo da história desenharam-se duas vertentes interpretativas que, tradicionalmente se opuseram. Essas vertentes são denominadas como a vertente naturalista e a vertente etnocêntrica.

A vertente naturalista

Vê o território num sentido físico, material como algo inerente ao próprio homem, quase como se ele fosse uma continuidade do seu ser, como se o homem tivesse uma raiz na terra – o que seria justificado, sobretudo, pela necessidade do território de seus recursos, para a sua sobrevivência biológica. (2002, p.118)

Para Haesbaert essa concepção de território, é que teria levado muitos estudiosos a defenderem “a tese de que teríamos uma *impulsão inata* para a conquista de territórios, e que o crescimento de uma civilização, de seu *espaço vital*, (...) estaria diretamente relacionado à expansão territorial”. (2002, p. 118)

Por outro lado a vertente etnocêntrica deixa de lado toda relação sociedade natureza, como se o território fosse uma construção puramente humana e social podendo mesmo prescindir de toda base natural. Essa construção

poderia advir tanto de um domínio material sobre o espaço, decorrente do poder de uma classe econômica e/ou de um grupo político dominante, como de sua apropriação simbólica, a partir da identidade que cada grupo cultural “livremente” construiu o espaço em que vive. (HAESBAERT, 2002, p.119).

A partir dessa sistematização Haesbaert(2002) nos chama a atenção para um fato importante, o da necessidade de avançar nas discussões realizadas por essas duas vertentes interpretativas. Para ele ambas vêem o território “muito mais dentro das dimensões política e cultural do espaço do que em sua dimensão econômica” (2002, p.119), o que faz dessas abordagens instrumentos insuficientes para a compreensão dos múltiplos territórios com os quais temos convivido no mundo contemporâneo. Um mundo em que

ora somos requisitados a nos posicionar perante a uma determinada territorialidade ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controles espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder de identidade, Isto resulta uma Geografia complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial). (2002, p. 121)

Nesse sentido Haesbaert defende que o território deve ser concebido como

O produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando. (2002, p. 121)

No próximo item serão apresentados alguns dados sobre a natureza teórico-metológica do conceito de território veiculado no Ensino Fundamental

3- O Ensino Fundamental e o Conceito de Território.

3.1-Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de Geografia e o conceito de Território.

As discussões sobre o significado de território aparecem em vários momentos do documento. A partir de uma análise desses momentos, concluiu-se que os autores ficaram presos a uma concepção de território como espaço físico, concreto e mensurável; como o espaço da interação entre a sociedade natureza e o espaço do Estado-nação.

No início do documento os autores procuram realizar um histórico sobre a construção do conceito de território e posteriormente se preocupam em apresentar ao professor a importância atual desse conceito para a ciência geográfica.

O território é uma categoria fundamental quando se estuda a sua conceitualização ligada a formação econômica e social de uma nação. Nesse sentido, é o trabalho que qualifica o território como produto social.

Além disso, compreender o que é território implica também compreender a complexidade da convivência, nem sempre harmônica, em um mesmo espaço, da diversidade de tendências, idéias, crenças, crenças, sistemas de pensamento e tradições de diferentes povos e etnias. É reconhecer que, apesar de uma convivência comum, múltiplas identidades coexistem e por vezes se influenciam reciprocamente. No caso do específico do Brasil, o sentimento de pertinência ao território nacional envolve a compreensão da diversidade de culturas que aqui convivem e que, mais do que nunca, buscam o reconhecimento de suas especificidades, daquilo que lhes é próprio (Ibidem, p. 27 -28).

Esse trecho revela que apesar de os autores mostrarem uma tentativa de apontar outras dimensões do conceito de território eles ficaram presos ao significado de território enquanto espaço físico de atuação da sociedade.

Ao finalizar as reflexões teóricas sobre essa categoria os autores afirmam

a categoria território possui relação bastante estreita com a categoria paisagem. Pode até mesmo ser considerada como o conjunto de paisagens. É algo criado pelo homem é uma forma de apropriação da natureza. (Ibidem, p. 28)

O que se conclui que o território está sendo concebido como uma soma de paisagens, um espaço físico e contínuo.

Durante a exposição dos eixos e dos temas selecionados para orientar a construção do currículo de Geografia bem como o seu ensino, os autores procuraram introduzir algumas reflexões sobre a aplicação do significado de território no ensino fundamental.

Durante as orientações para o Terceiro Ciclo – 5ª e 6ª Séries – os autores orientam

Outros temas emergentes poderiam surgir no campo de interesse do aluno, quase sempre colocados pela mídia. Entre eles, os dos grandes conflitos políticos e sociais. As guerras separatistas na luta pela redefinição das fronteiras territoriais e soberanias ou autonomias nacionais. Dificilmente o aluno poderia ter uma compreensão exata sobre o assunto sem a explicação sobre o processo de construção desses territórios ao longo da história, como seus diferentes povos se apropriaram deles para definir a configuração das fronteiras em conflitos. (Ibidem p. 56)

(...)

Ao tratar temas e conteúdos sobre as diferentes maneiras como o trabalho social interage com a natureza, o professor poderá resguardar em sua abordagem as especificidades de um de outro. Significa que didaticamente poderá ser abordado em suas especificidades, mas nunca perder de vista que esse território é um produto da interação desses dois níveis de sua realidade, e que as análises específicas deverão sempre resgatar a unidade desse espaço como resultados daquela interação. (Ibidem, p. 57)

Ao orientar o professor sobre os temas e os itens propostos para o Quarto Ciclo do Ensino Fundamental – 7ª e 8ª Séries – os autores assim o fazem :

O aluno dessa faixa etária de sua aprendizagem já pode começar a compreender o significado da política e dos conflitos étnicos e sociais que ocorrem no interior das sociedades. O professor deverá ajudá-lo na compreensão de que em grande parte esses conflitos nascem das disputa pelo poder, seja de uma classe, etnia ou de um território sobre o outro. (...)Temas como o território, o Estado e a nação poderão ser trabalhados analisando-se e permitindo ao aluno compreender como eles, no processo histórico, estão sempre sendo redefinidos; como a mobilidade das fronteiras está no interior da explicação dos processos e conflitos que ainda emergem regionalmente em vários continentes. (Ibidem , p. 107)

Esses momentos do texto também apontam para a concepção de território enquanto espaço de morada do homem

Na parte final do documento em que os autores dedicaram-se a algumas orientações didáticas fica clara a concepção de território assumida por eles:

Nenhum estudo geográfico das formas de interação entre a sociedade e a natureza poderá estar desvinculado da territorialidade ou extensão do fato estudado. Os lugares têm, por exemplo, fronteiras territoriais. O território é a base física e material da paisagem expressa-se numa determinada extensão, permitindo , assim, que se estabeleça alguma forma de fronteira (Ibidem p. 138).

Analisando as colocações feitas pelos autores sobre o significado de território e sua aplicabilidade no ensino, é possível afirmar que os autores não ultrapassaram a concepção de território cuja ênfase recai na relação sociedade-natureza. O território está sendo concebido como um espaço físico e concreto, circunscrito e delimitado ao plano do Estado ou de um

determinado contingente populacional. O que transparece que o território não está concebido como algo dinâmico, vivo, um espaço histórico-social, e sim como um quadro negro sobre o qual a sociedade reescreve sua história. (SANTOS, 2002)

No que diz respeito às discussões relativas ao território enquanto produto da relação entre a sociedade e a natureza, a qual os autores nomeiam como *interações*, percebe-se que eles consideram apenas o movimento dual de articulação entre a sociedade e a natureza. O que vai de encontro com o que diz Bozano (2000). Esse autor afirma que "o território não é a natureza e nem a sociedade, não é a articulação entre ambos; mas é natureza, sociedade e articulação juntas. Neste cenário, cada processo adotará uma espacialidade particular" (p.29). Segundo esse autor há que se considerar a superposição de temporalidades e espacialidades num dado território: "em um mesmo território, em uma cidade ou em uma região ler e identificar tempos geológicos, meteorológicos, hidrológicos, biológicos, sociais, políticos, psicológicos, econômicos, cada um com seus ritmos, suas durações". (p. 37)

Ao enfatizarem a dimensão do território que o apresenta como um espaço físico e político circunscrito ao domínio do Estado ou de um povo, negligenciaram reflexões importantes a respeito de dimensões abstratas e do caráter flexível do território as quais foram discutidas por RAFESTIN (1993), CORREA (1998), ANDRADE (1998), SOUZA (2003) e HAESBAERT (2002).

Esse fato leva a conclusão de que as discussões presentes nos PCNs de Geografia a respeito do significado da categoria território mostram-se desatualizadas e ineficazes para o amadurecimento teórico do professor. Essas não oferecem elementos para que o professor possa construir junto com o aluno um conhecimento geográfico que dê conta de compreender a realidade multiterritorial – ou mesmo transterritorial – que estamos vivenciando na contemporaneidade. Uma realidade em que

“ora somos requisitados a nos posicionar perante a uma determinada territorialidade ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controles espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder de identidade” (HAESBAERT, 2002,p.121).

3.2 – O Livro Didático de Geografia e o conceito de território.

Para a seleção dos livros a serem analisados levantou-se o nome daqueles que foram os mais citados durante as entrevistas. A partir desse levantamento selecionaram-se aqueles cujo uso era mais freqüente pelos professores.

A partir desses resultados, realizou-se uma análise do conteúdo geográfico veiculado pelos livros desses autores, os quais totalizam 12 exemplares, uma vez que os livros desses autores estão organizados em coleções compostas de quatro livros, um para cada série do 3º e do 4º ciclos do Ensino Fundamental.

As coleções objeto de nossa análise foram

- **COLEÇÃO GEOGRAFIA** – Autor Melhem Adas – Editora Moderna.
- **COLEÇÃO GEOGRAFIA CRÍTICA** – Autores José William Vesentini e Vânia Vlach – Editora Ática.
- **COLEÇÃO TRILHAS DA GEOGRAFIA** – Autores: José Eustáquio de SENE e João Carlos Moreira – Editora Scipione.

3.2.1 – Resultado da análise da coleção: GEOGRAFIA, Autor: Melhem Adas Editora: Moderna.

Nessa coleção as discussões sobre o significado de território estão presentes no volume destinado a 5ª série, de modo mais específico, como leitura complementar. Apresentamos abaixo o trecho em que o autor coloca a sua concepção acerca dessa categoria.

Os estudiosos observaram que os animais demarcaram o seu espaço de existência ou um espaço para o seu uso. Nesse espaço os animais determinam locais para o seu uso. Nesse espaço os animais determinam locais de repouso, de banho, de refúgio, de defecção etc. Ao demarcarem o seu espaço de uso, os animais estão estabelecendo o seu território, com fronteiras ou limites, marcados pelos excrementos (como por exemplo, a urina, cujo cheiro afasta outros animais da mesma espécie), ou pelo canto dos pássaros, entre outros. As sociedades humanas também demarcam o seu território no espaço geográfico. A casa onde moramos é o nosso território íntimo. Ela está demarcada pelas suas paredes, pelo muro ou pela grade. O município onde vivemos também tem um território delimitado ou demarcado pelas divisas. O mesmo acontece com a divisão do território brasileiro em estados (estado do Ceará, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, etc.). Cada um deles possui um território definido e certa extensão de área.

Quanto ao mundo, a principal forma de divisão do espaço geográfico são os países (...). As fronteiras dos países podem ser um rio, montanhas, lagos ou marcos de pedras indicativas, que determinam os limites do território dos países.

Podemos também entender território como a base física ou natural de um estado (país politicamente organizado) Sobre esse território, o Estado exerce soberania, ou seja, autoridade ou poder (passando a fronteira, o estado já não possui soberania). Território é então, a área física de um país, estado, município ou distrito, podendo abranger rios, lagos, mares, ilhas, montanhas, campos, florestas etc. (ADAS, 2002, p. 21 e 22, grifo nosso).

À primeira vista vê-se que os autores construíram toda a coleção com base no conceito de território edificado sob os pressupostos da Geografia Tradicional. Isso porque verifica-se que aí uma concepção em que o território é visto unicamente como um espaço físico e material, circunscrito e delimitado ao plano do Estado. Além disso, ao recorrer ao exemplo dos animais conduz o leitor a entender.

o território num sentido físico, material como algo inerente ao próprio homem, quase como se ele fosse uma continuidade do seu ser, como se o homem tivesse uma raiz na terra – o que seria justificado, sobretudo, pela necessidade do território de seus recursos, para a sua sobrevivência biológica. (HAESBAERT, 2002, p.118)

Fato que exclui qualquer contextualização histórico-social do território, esse é visto como o palco de atuação da sociedade. No entanto, quando analisam-se os demais exemplares da coleção verificamos que o autor avança em sua abordagem. Em todos os outros exemplares da coleção verifica-se uma preocupação do autor em realizar a contextualização histórico-social dos territórios estudados. O que constitui um ponto positivo. No caso específico do território brasileiro pode-se notar que o autor se mostrou-se bastante compromissado em mostrar que o atual território brasileiro é resultado de um processo histórico-social. Isso ocorreu também quando o autor aborda nos exemplares destinados à 7ª e 8ª Séries a formação dos estados nacionais na Europa e os conflitos étnico-territoriais existentes no mundo contemporâneo.

Por outro lado, mesmo o autor abordando o processo de Globalização e de mundialização do capitalismo de forma bastante coerente, nós detectou-se a intenção do autor

em mostrar as outras dimensões do conceito de território. Nesse momento o autor até se refere ao enfraquecimento dos estados nacionais, mas não relaciona esse fenômeno com a existência dos múltiplos territórios existentes atualmente no mundo. O autor trabalhou o território unicamente como um espaço físico e delimitado por fronteiras.

3.2.2 – Resultado da análise da coleção: GEOGRAFIA CRÍTICA, Autores José William Vesentini e Vânia Vlach ,Editora: Ática.

No exemplar destinado a 5ª série os autores não promoveram discussões sobre significado de território. Em alguns momentos se utilizaram do termo de forma direta sem nenhuma discussão prévia. Nesses momentos foi possível apreender que os autores utilizaram a concepção de território enquanto espaço físico e político delimitado por fronteiras. Isso fica claro quando nas discussões realizadas no capítulo 7 – *A superfície terrestre* – do exemplar destinado à 5ª série ao discorrerem sobre as relações entre a sociedade e a natureza e utilizando o Brasil como exemplo assim os autores colocam:

Nosso país é uma parcela da superfície terrestre. Nosso país possui um espaço ou território com cerca de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, o que corresponde a mais ou menos 1,66% da superfície terrestre (aproximadamente 6% das terras emersas do globo).

(...)

O Brasil com o seu território que hoje é gigantesco (o quinto do mundo em tamanho) foi construído por colonizadores europeus e isso levou alguns séculos. No início (século XVI) o território brasileiro pertencia a Portugal era bem menor do que hoje: ocupava somente um terço do espaço que ocupa atualmente. O restante pertencia a Espanha, país que colonizou as outras áreas da América do sul, onde hoje se localizam o Chile, o Peru, a Argentina, o Paraguai, etc. (VESENTINI e VLACH, 2003, p.78)

Percebe-se também que os autores utilizam o território como sinônimo de espaço assim como fizeram com o lugar, ou seja, o território e o lugar são considerados pelos autores como sinônimos de espaço. Isso pode gerar certa confusão levar o aluno a ter dificuldades para compreender a diferença existente entre o território e o lugar.

No exemplar destinado a 6ª série os autores retomam as discussões sobre essa categoria e conservam aí a concepção de território enquanto espaço delimitado e circunscrito ao poder do Estado. No capítulo 2 intitulado por *Sociedade moderna e Estado* os autores discutem o conceito de sociedade, de povo, de nação e de país. Nesse momento através de algumas frases imprimidas pelos autores nesse capítulo é possível confirmar essa nossa afirmação.

Um povo não precisa necessariamente de ter território próprio. Alguns povos se deslocam constantemente pelo espaço geográfico. Eles são povos *nômades*, isto é não possuem residência fixa. O contrário de nômade é *sedentário*, povo que possui uma área fixa de permanência.

Alguns povos sedentários não possuem um território próprio, pois vivem em regiões dentro de um país que é formado por outro povo ou, às vezes por outros povos.

(...)

Os curdos que se espalham por trechos do Iraque, do Irã e da Turquia são povos que almejam ter um território próprio e independente, mas por enquanto vivem sob o domínio de outros povos.

(...)

Nação é um povo com território, governo e leis próprias. Ou seja, significa a mesma coisa que país.

O que é país? Também chamado de *Estado-nação*, país é um povo que vive num território próprio, tendo um governo que o representa.

(Ibidem, p. 17-18)

e,

Se observássemos o mapa-múndi de cinquenta anos atrás, notaríamos grandes diferenças em relação ao de hoje. Muitos países possuíam um território maior; outros eram menores; um grande número de países principalmente na África, ainda não existia, pois seus territórios eram colônias européias, com fronteiras diferentes das atuais. (Ibidem, p. 26)

Nos demais exemplares dessa coleção, aqueles destinados à 7ª e à 8ª séries, os autores continuam utilizando unicamente a concepção de território como espaço físico e limitado, circunscrito ao poder do Estado.

3.2.3 – Resultado da coleção: TRILHAS DA GEOGRAFIA, Autores: José Eustáquio de SENE e João Carlos Moreira, Editora: Scipione.

A concepção de território utilizada pelos autores dessa coleção aparece de forma implícita. Em nenhum momento detectou-se a preocupação dos autores em promover uma reflexão sobre o significado dessa categoria. Verificou-se que a concepção adotada pelos autores é a mesma adotada pelos demais: a de espaço físico delimitado sob a jurisdição do Estado. Isso nós fica claro nos quatro exemplares da coleção, mas de forma mais clara nos exemplares destinados a 6ª e a 8ª séries.

No capítulo 7 desse último exemplar cujo título é *Estado Nacional e Globalização* os autores promovem reflexões que levam o aluno-leitor ao conceito de Estado, país, nação e povo. Nesse contexto os autores recorrem a um texto sob a forma de *box*, cujo conteúdo, apresentado a seguir, nos dá uma idéia da concepção de território utilizada:

O ser humano primitivo, antes mesmo de se tornar sedentário, já delimitava seu território de caça, de abrigo, de sobrevivência. Se outras tribos invadissem esse território, imediatamente se convertiam em inimigos e a luta pelo seu controle se estabelecia. Ficava com o território a tribo vencedora (os limites dos territórios não eram precisos)

Mesmo em períodos mais recentes da história, as populações nativas da América, antes da colonização européia, estavam organizadas em tribos, muitas das quais nômades, e também não tinham um território claramente delimitado.

Limites entre as tribos em geral eram naturais: um rio, uma montanha, a fronteira entre a floresta e a vegetação, etc. Se o território de uma tribo ia até o rio, depois dele começava o de outra tribo. Mas isso não era fruto de um acordo, de nenhum tratado, era uma territorialização que foi se construindo durante as lutas. E mesmo assim as fronteiras entre as tribos continuavam imprecisas e muitas vezes interpenetravam.

Demorou muito para o ser humano fixar precisamente os limites entre os territórios. Uma rígida delimitação das fronteiras só foi estabelecida com o nascimento do Estado moderno. (SENE e MOREIRA, 2001, 115, grifos nosso)

Apesar dos autores não terem se dedicado a definir o conceito de território, uma análise do conteúdo do texto acima nos aponta claramente a concepção de território adotada pelos autores.

Ainda nesse capítulo, os autores realizam discussões sobre os impactos da globalização no poder dos Estados. Aí eles reconhecem o enfraquecimento do poderio estatal em decorrência do aumento de poder das corporações transnacionais, mas em nenhum momento as discussões chegam a uma outra concepção de território ou insinuam algo parecido.

Com o avanço da Globalização, muitas pessoas consideram que o Estado-nação está enfraquecendo, que suas fronteiras estão desaparecendo. Alguns até radicalizam, afirmando que se trata de uma entidade obsoleta e que seu fim está próximo. De fato, com o avanço da globalização, sob o comando das grandes corporações multinacionais, e com a tendência de formação de blocos econômicos supranacionais, o Estado-nação perdeu parte de sua soberania e teve algumas de suas tradicionais atribuições alteradas. Entretanto, afirmar que ele está prestes a desaparecer é exagero. (Ibidem, p. 125)

Ou ainda

Com o tamanho gigantesco que as multinacionais atingiram, é natural que os Estados fiquem mais suscetíveis às suas pressões. As grandes corporações – industriais, comerciais e sobretudo financeiras – superam em poder econômico, a maioria dos Estados atuais. A ação delas tende a enfraquecer o Estado, sobretudo nos países subdesenvolvidos.

Com os avanços tecnológicos, em especial nas telecomunicações, as fronteiras dos Estados ficam cada vez mais permeáveis. Embora alguns Estados ditatoriais imponham restrições aos fluxos de informações (internet, por exemplo), é cada vez mais difícil controlá-los.

O fluxo de capitais especulativos está cada vez mais fora do controle estatal. (Ibidem, p.128)

No capítulo 9 intitulado por *A fragmentação política do Mundo* os autores apresentam os principais conflitos ocorridos no mundo e seus reflexos territoriais. Nesse momento o termo “território” aparece várias vezes, no entanto sempre insinuando a concepção de território enquanto espaço físico delimitado circunscrito ao poder do Estado.

No exemplar destinado a 6ª série o significado de território também aparece de forma implícita. Isso porque nos momentos em que os autores utilizam termo território o fazem como se fosse um conceito que os alunos já têm incorporado e que não necessita maiores informações. Nesse exemplar os autores utilizam o espaço que vai do capítulo 9 até o capítulo 15 para trabalhar a organização do espaço geográfico brasileiro. Nesse momento o termo território aparece não só nomeando alguns itens dos capítulos como *A divisão regional e a organização do território brasileiro*, *Garantindo o domínio do território* e *Aspectos físicos do território brasileiro*, como também em vários trechos dos textos. Nesses trechos fica clara a concepção de território adotada pelos autores. Eis um exemplo desse fato:

Nos últimos anos várias porções do território brasileiro receberam investimentos que, melhoraram a infra-estrutura de transportes e comunicações, o que permitiu que áreas economicamente atrasadas e estagnadas passassem a se modernizar. É o caso do sul do estado de Goiás e da parte do Mato Grosso do Sul que estão na área beneficiada com a construção da hidrovía do Tietê-Paraná; de Rondônia e norte de Mato Grosso, beneficiados com a hidrovía do rio Madeira; do oeste baiano, Tocantins e parte do Maranhão, beneficiados com a hidrovía do Araguaia-Tocantins e pela estrada de ferro Carajás, por exemplo.

À medida que novas áreas do território se modernizam, os limites dos complexos regionais são remodelados. (Ibidem, p.171-172, grifo nosso)

A partir dessas considerações concluiu-se os autores dessa coleção mantiveram-se presos à concepção tradicional de território, mesmo nos momentos em que algumas de suas colocações mostrarem-se suscetíveis para a introdução de outras concepções de território.

3.3 - Os Professores do Ensino Fundamental e o Conceito de Território.

Foram realizadas entrevistas com 51 professores de Geografia que atuam no Ensino Fundamental das escolas de Marília. Procurou-se desvendar a concepção de território dos professores a partir das respostas obtidas a questionamentos a respeito aspectos teóricos e aspectos metodológicos da prática do professor.

Em linhas gerais no tocante ao conhecimento do professor sobre o conceito, obteve-se que 4% por cento dos professores não souberam dar o significado de território. Dos professores que apresentaram um conceito de território cerca de 86 % ficaram presos ao significado do território enquanto espaço delimitado por fronteiras, concreto e mensurável, essencialmente fixado no referencial político do Estado. Somente 2 professores – 4% , em parte, sugeriram uma definição de território mais desprendida da noção de Estado-Nação na medida em que ultrapassaram o significado de território como um espaço delimitado por fronteira. No entanto quando solicitou-se a esses professores que descrevessem uma atividade de ensino com a qual trabalha o conceito de território com seus alunos, algumas contradições apareceram. Esses lançaram mão de exemplos que limitavam o significado de território a um espaço físico, delimitado e mensurável.

Um caso interessante foi de um professor que mostrou-se bastante desatualizado quando definiu o território como sendo o Amapá, Roraima e Rondônia espaços sem autonomia sob a administração Federal¹. Finalmente, um dos professores entrevistados, um definiu o território como sinônimo de lugar.

A partir das entrevistas concluímos que o conhecimento do professor do Ensino Fundamental, no tocante ao significado da categoria território, está muito aquém do desejado para que o ensino de Geografia se edifique como um instrumento de leitura crítica do mundo. De um mundo em que

Vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios. Ora somos requisitados a nos posicionar perante uma determinada territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de identidade. (HAESBAERT, 2002, p. 121)

É preciso que o professor seja chamado para participar das discussões mais recentes que envolvem a concepção de território para que ele possa superar as limitações existentes em seu conhecimento a respeito da questão. Essa superação é necessária, pois.

antes o território era a base, o fundamento do estado nação que, ao mesmo tempo, o moldava, Hoje, quando vivemos uma dialética do mundo concreto, evoluímos da noção, tornada antiga, de Estado Territorial para a noção pós-moderna de transnacionalização do território. (SANTOS, 1998, p.15).

¹ O referido professor declarou que estava no seu primeiro ano de docência e que estava enfrentando muitas dificuldades em sua prática.

Outro ponto importante de nossa pesquisa junto aos professores é que há uma total ignorância dos professores entrevistados em relação às discussões realizadas por Andrade(1998) quando esse chama a atenção para de que o conceito de território está

muito ligado a idéia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre à idéia de território à idéia de poder, quer se faça referência ao poder político, estatal, que ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas (ANDRADE, 1998, p. 213).

As discussões feitas por Souza (2003) também estão ausentes da realidade dos professores. Para esse autor territórios são antes de tudo relações sociais projetadas no espaço do que espaços concretos, por isso o geógrafo em suas investigações deve se desprender da noção de território como um espaço delimitado, concreto e mensurável, essencialmente fixado no referencial político do Estado. Há que se considerar o território como um “campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade, a diferença entre “nós”(o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os insiders) e os “outros” (os de fora , os estranhos, os outsiders)” (Souza, 2003, p.86).

4-Considerações finais

Através dessa investigação foi possível visualizar a existência de um desencontro teórico-metodológico entre a Geografia do Ensino Fundamental e a Geografia do Ensino Superior. O Conhecimento dos professores, a respeito do conceito de território, está muito distante daquele construído nas universidades. Isso constitui uma problemática a ser superada.É imprescindível que a Geografia Escolar se mantenha atualizada em relação às produções teóricas da universidade. Somente assim ela poderá oferecer elementos para que o aluno compreenda o espaço geográfico, dialogue com ele e amplie a sua visão de mundo a sua consciência sobre suas responsabilidades e seus direitos em uma sociedade que se constrói historicamente.

5-Bibliografia

ADAS, Melhem. **Geografia**, volumes 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries. 4ª edição. São Paulo: Moderna. 2002.

ANDRADE, Manuel C. de. **Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades**: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton et al. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998.

BOZZANO, Horacio. **Territorios reales, territorios pensados, territorios Posibles**. Buenos Aires, Espacio Editorial, 2000, 263 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 5ª. a 8ª. Séries**. Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, Iná. E., GOMES, Paulo C. C., CORREA, Lobato. R. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2003.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

MORAES, Antonio C. R. **Geografia. Pequena História Crítica**. 14. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.

SANTOS, Milton Entrevista **Folha de São Paulo**. <http://geocities.yahoo.br/jorgematheus2002/11mst.htm>. Acesso em 03/06/2004.

SANTOS, Milton. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record. 2003.

SAQUET, Marcos Aurélio. “ O Território: diferentes interpretações na literatura italiana In: RIBAS, Alexandre Domingues, SPOSITO Eliseu S. & SAQUET, Marcos Aurélio (orgs). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004. pp. 121-147.

SENE Eustáquio de & MOREIRA, João Carlos. **Trilhas da Geografia**, volumes 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. São Paulo: Scipione. 2000.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Ines. E., GOMES, Paulo C. C., CORREA, Lobato. R. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VESENTINI, José W. & VLACH, Vânia. **Geografia Crítica**. Volumes: 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. São Paulo: Atica. 2002.